

RELAÇÕES SOCIAIS DOS IMIGRANTES POR MEIO DE REDES SOCIAIS

Social relations of immigrants in social networks media

Karla Rosário Brumes*

***Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO**

Setor de Ciências Agrárias e Ambientais - SEAA / Professor do Curso de Geografia

Rodovia PR 153, Km 7, s/n – Riozinho – Irati, Paraná, Brasil – CEP: 84500-000 – Fone: (42) 3421-3000
kbrumes@hotmail.com

RESUMO

Mais do que nunca as migrações estão inseridas em um contexto social no qual as relações entre os indivíduos e suas comunidades determinam o sucesso, a legitimidade e a probabilidade do migrar. Nesse sentido, está convencido de que a análise das migrações deve se utilizar de instrumentais/conceitos como os apresentados nos estudos de redes sociais. Isso porque ao relacionar redes sociais e imigrações, tem-se a oportunidade de observar a vida social e as estratégias de sobrevivência dos imigrantes. Analisar redes sociais, em um contexto de migração, permite a compreensão das várias dimensões das relações sociais dos imigrantes. Tal relação facilita a compreensão da mobilidade populacional, aperfeiçoando-se a visão dos desdobramentos espaciais causados por fenômenos sociais. Assim, o trabalho ora apresentado analisou redes sociais e imigrantes na cidade de Uberlândia-MG. Ao final, pôde-se compreender o migrante e suas interações, bem como compreendê-lo ante ao tipo de identificação e pertencimento aos seus espaços de inserção.

Palavras-chave: Imigração. Integração a novos espaços. Redes sociais.

ABSTRACT

More than ever migration is embedded in a social context in which the relationships between individuals and their communities determine success, legitimacy and the likelihood of migrating. In this sense, we believe that the analysis of migration should be used instrumental / concepts such as those presented in the studies of social networks. This is because to relate social and immigration networks, we have the opportunity to observe the social life and immigrant survival strategies. Analyze social networks, in a migration context, it allows us to understand the various dimensions of social relations of immigrants. This relationship facilitates understanding of population mobility, perfecting the vision of spatial developments caused by social phenomena. Thus, the work presented, analyzed social and immigrant networks in the city of Uberlândia-MG. At the end, we understand the migrant and their interactions and understand it before to the type of identification and belonging to their insertion spaces.

Keywords: Immigration. Integrating the new spaces. Social networks.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos migratórios apresentam uma diversificada confluência de abordagens, cada qual com suas preocupações e objetos. As análises abordam os migrantes, os movimentos, os processos materiais, as consequências e implicações em diferentes escalas, os símbolos e as transformações culturais. A migração é, em si, um fenômeno geográfico que tem implicações territoriais e existenciais. É um fenômeno que envolve tanto materialidade como a produção social, e por estas perspectivas deve ser entendida. Contudo, a busca por uma maior compreensão da migração deve privilegiar também os papéis desempenhados pelos migrantes nesse processo, pois assim é possível analisar as variáveis da vida em sociedade (crenças, valores, cultura, relacionamentos, representações), que fazem o condicionante estrutural se tornar elemento significativo.

Superar os anos de pesquisas e estudos que delegaram à macroestrutura *status* uno no processo migratório tem sido complicado. Nesse sentido, uma abordagem que leve em consideração, por exemplo, as análises de redes sociais é, sem dúvida, uma perspectiva interessante, que visa relacionar a dimensão econômica com as relações sociais no processo de migração. Não há mais como não considerar o fato de que a decisão de migrar se relaciona, além do econômico, a outras questões que permeiam a vida do migrante. Assim, diante da incapacidade de os estudos clássicos explicarem certos padrões das migrações, “novos contextos teóricos e metodológicos” – microanalíticos, história de família e dos estudos de ciclo vital e teorias das redes – ganham força na tentativa de explicar a existência de continuidades em certos fluxos migratórios, que parecem ter vida própria e que continuam mesmo quando as causas que lhes deram origem desaparecem. Eles seriam “o encontro entre as análises macro e micro e supõem uma concepção evolutiva e dinâmica das migrações, e uma abertura ante aos pontos de vista sociológicos e antropológicos” (SILVESTRE RODRÍGUEZ, 2000, p. 179).

Esses “novos contextos teóricos” não analisam as relações no lugar de forma isolada ante a divisão territorial do trabalho e com a diferenciação crescente que se introduz entre as cidades, mas a partir de uma abordagem geográfica dos espaços migratórios, capaz de captar os fluxos socioespaciais de forma abrangente e detalhada. Massey *et al.* (1998) afirmam que analisar a migração e seus sujeitos permite a observância de relações que vão além daquelas estabelecidas pelo capital, como, por exemplo, as dinâmicas socioespaciais da mediação e do convívio. Nesse sentido, a migração passa a ser analisada não apenas relacionada ao fator econômico, mas também integrada a um arcabouço social. A partir da década de 1980, os estudos de migração passam a ser incorporados às perspectivas de redes sociais, estabelecidas sobre alicerces vinculados aos laços das redes pessoais de relações, com objetivos de identificar conexões e pontos dentro de um determinado sistema estruturado.

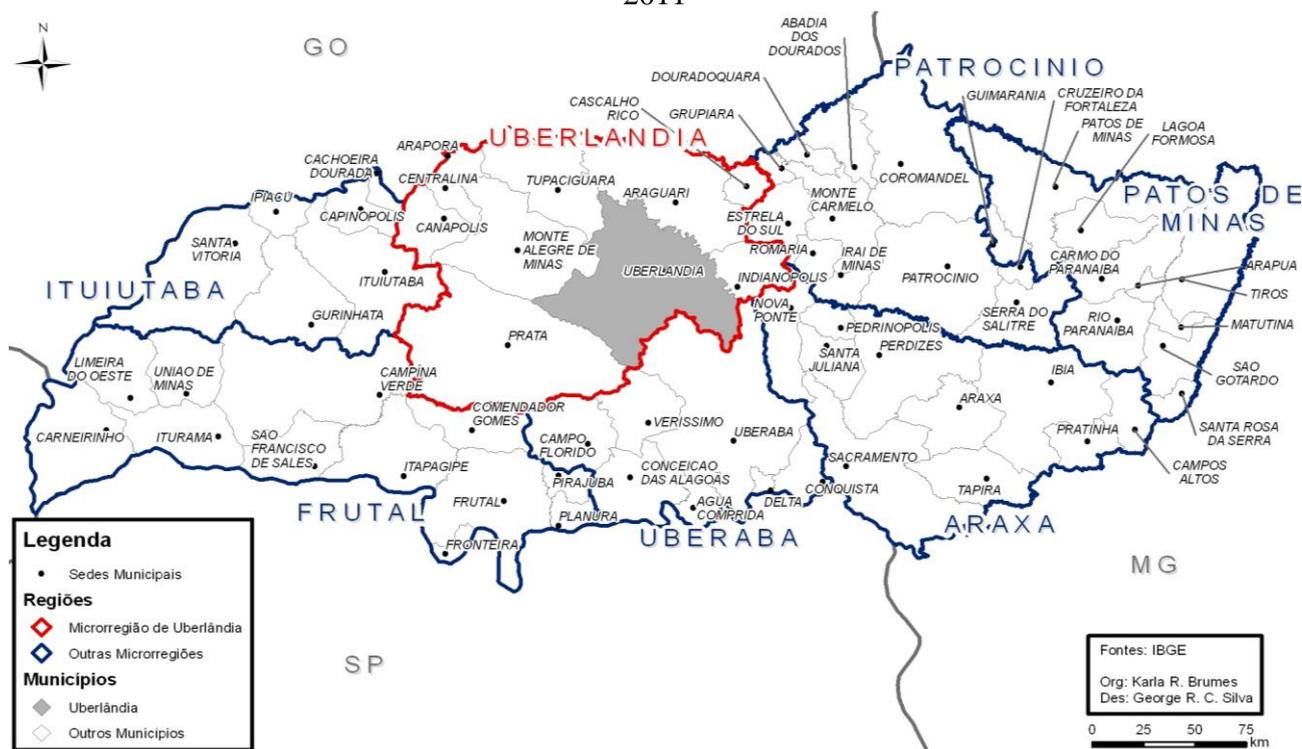
De acordo com Marques (2003, p. 153), “inúmeros fenômenos sociais e políticos podem ser analisados à luz dos padrões da relação entre indivíduos, grupos e organizações presentes em uma dada esfera da sociedade (e do Estado)”. Esse aperfeiçoamento institucional e formal das redes sociais entre migrantes poderia servir para a sua sustentabilidade, possibilitada pelo transcurso do tempo e pelo acúmulo de capital social, entendido estes como as trocas entre parentes, amigos e conterrâneos, e as oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira, reduzindo os custos financeiros e físicos com a migração (MASSEY *et al.*, 1998).

É dentro dessa perspectiva que o trabalho ora apresentado analisou a imigração e redes sociais em Uberlândia-MG entre os anos de 1980 a 2010. Trabalhar com uma dinâmica migratória mediada por redes sociais levou, em um primeiro momento, a uma busca por material teórico, que, até então, achava-se difícil, contudo, a ideia de trabalhar redes sociais parece salutar, visto que ela ajuda a compreender o modo de vida e a inserção de imigrantes. Para isso, a metodologia de pesquisa teve como fundamentos: 1) a aplicação de questionários que permitiram estabelecer maior contato com os imigrantes; 2) a realização de entrevistas¹, principal técnica dos estudos da história oral. A aplicação de questionários e a realização de entrevistas proporcionaram análises microanalíticas.

2 IMIGRANTES EM UBERLÂNDIA-MG E REDES SOCIAIS

Uberlândia, localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro, é uma cidade em que a migração é imprescindível à compreensão de sua configuração histórica e de sua realidade socioeconômica (Figura 1).

Figura 1 – Microrregião de Uberlândia na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, 2011



Diversificado e heterogêneo, o contingente migratório é, em boa medida, fruto da modernização e da agroindustrialização do entorno regional, que, aliadas ao contexto nacional – retração do crescimento e baixa geração de emprego –, fez com que trabalhadores que não encontravam lugar nas pequenas cidades, acabassem se deslocando para a cidade de Uberlândia e inserindo-se principalmente nas atividades do setor terciário. É nesse sentido que Uberlândia, há algumas décadas, é espaço de atração não somente a pessoas que vivem nas cidades circunvizinhas, bem como àquelas oriundas de outros estados fronteiriços ou não.

Em Uberlândia, os indicadores populacionais dão conta de que o crescimento imigratório foi da ordem de 82% em 1970, de 71,5% em 1980, de 53,5% em 1991, e de 43% em 1996. Em 2000, o Censo Demográfico confirmou a posição da cidade como espaço de atração populacional, visto que 21% da população residente eram nascidos em outros estados, com destaque para a participação de goianos e paulistas, e outros 31% de pessoas naturais de outros municípios do próprio estado. Se os dados pareciam fazer pensar que a imigração diminuiu, segundo o IBGE (2012), quase metade da população de Uberlândia é natural de outros municípios. De acordo com os dados divulgados, 48,5% dos moradores de Uberlândia são de fora e se mudaram para a cidade por causa da família, do estudo, da qualidade de vida ou das oportunidades no mercado de trabalho. São os chamados ‘uberlandinos’, termo criado pelo jornalista Luiz Fernando Quirino para definir os forasteiros que adotaram Uberlândia para viver. Isso coloca Uberlândia em 39º lugar em Minas Gerais, no *ranking* de população não natural de cada município (CALFAT, 2012).

Nesse sentido que muitos imigrantes chegaram à cidade, como foi o caso do entrevistado 1. Atraídos pela notícia de oferta de empregos na construção civil, um grupo de migrantes fez empréstimos e vendeu alguns poucos bens que tinham para comprar a passagem de ônibus do município de Matriz de Camaragibe, a 75 quilômetros de Maceió-AL, para Minas Gerais.

É difícil esperar que a vida melhore por lá. Ou o sujeito é empregado da prefeitura ou vai para a lavoura de cana-de-açúcar. Eu conseguia tirar de R\$ 200 a R\$ 300 por mês como açougueiro. Nunca tinha saído de casa e, para viajar, vendi oito

porquinhos que eu criava. Ainda não tenho certeza de quanto será meu salário aqui, mas espero ir melhorando de função dentro da obra para ajudar minha família que ficou (ENTREVISTADA 1, 2011).

As relações estabelecidas entre os imigrantes presentes em Uberlândia podem ser observadas por meio da análise das redes apropriadas, pois elas nos permitiram analisar mais do que uma relação de troca entre esses migrantes e a cidade. As investigações relativas às migrações revelaram que elas são resultado de dois processos: o primeiro, bem mais consciente e voluntário, conduz o migrante a participar da vida social, econômica e política local e a aceitar suas regras a fim de alcançar objetivos que visam melhorar suas condições de vida. O segundo, bem mais inconsciente e involuntário, o leva a adotar modos de ser e fazer coisas que modificam seus comprometimentos com os espaços público e familiar.

Na cidade, nos lugares de chegada, os imigrantes interagem efetivamente em função de sua situação de trabalho e da localização de suas casas, bem como de sua participação em associações que defendem os direitos dos trabalhadores ou em espaços que defendem os vizinhos de um bairro, as chamadas associações de moradores – pontos de partida dos vínculos de solidariedade e de amizade. Indicadores do Banco de Dados e Informações Municipais – BDI (2011) apresentam dados referenciais que permitiram observar a dinâmica migratória da cidade, todavia, eles não revelavam como os sujeitos da migração se estabeleciam na cidade, e as redes podem ser estratégias sociais e econômicas de sobrevivência e de sustentabilidade.

Em Uberlândia, as características encontradas em cada forma de inserção dos migrantes são relativas ao modo como essa ajuda mútua é desenvolvida e formalizada, o que produz diversas experiências, maneiras de fazer e de pensar a migração.

3 IMIGRANTES E “IMIGRANTES”: QUAL O RECONHECIMENTO?

A maior parte dos imigrantes que chegam à cidade o faz à procura de emprego, todavia, nem sempre o fato de consegui-lo garante que o desejo de inserção aconteça de forma satisfatória. Muitos são os casos em que a adaptação se dá por meio de redes sociais, já que mostram solidariedade, estratégias e reciprocidade ao sujeito migrante que necessita de sua atuação.

Como forma de atender à demanda de imigrantes, a Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU mantém dois setores vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Social, a saber, o Albergue Ramatis e o Setor de Atendimento ao Migrante e que tem como objetivo uma intervenção sobre o cotidiano dos migrantes que só tem como objetivo erradicar a pobreza (VARGAS, 2003).

Quando representantes do poder público foram questionados sobre o papel desempenhado pelos imigrantes na cidade, as explicações revelaram duas situações. A primeira é de que há imigrantes que precisam de uma intervenção do poder público municipal mais eficaz, que seriam aqueles que possuem dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Mesmo que a motivação de imigrar deste grupo não se tenha dado em função da busca por trabalho, segundo o poder público, não dá para deixar de discorrer sobre ela. A segunda é que, para os representantes do poder municipal, só “fica sem trabalho na cidade quem quer”, uma vez que há setores de atividade que oferecem possibilidades de trabalho a todo o momento, assim, mais do que a buscas de emprego, os migrantes devem ocupar lugares e posições no contexto da cidade.

Por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social criou-se o Conselho de Atendimento ao Migrante para acompanhar a situação dos imigrantes. Esse setor é responsável por realizar estudos para conhecer as reais necessidades do município em relação à quantidade de vagas que precisam existir em albergues para atender aos imigrantes desprovidos de condições financeiras e que têm, no poder público, o intermediário nessa relação, como é o caso do Albergue Ramatis.

Nesse espaço, houve a oportunidade de abordar quatro imigrantes. De início, buscou-se arguir sobre os motivos pelos quais estavam em Uberlândia, tentando, posteriormente, discutir os

efeitos da complexa interdependência presente na produção de políticas sobre a ação social, considerando não apenas as ligações em torno dos sujeitos (ou as suas interações individuais), mas também a estrutura dos vínculos e os padrões gerais em que estes estão inseridos. Tendo como referência o lugar de onde vieram, Uberlândia mostra-se, na fala deles, a cidade para o trabalho, e nenhum dos quesitos geralmente atribuídos como causa para uma possível falta de trabalho ou desemprego é suficiente para mudar essa “qualidade de Uberlândia”.

Sobre os motivos que os levaram a emigrar, os quatro afirmaram que estão relacionados à busca de emprego. No entanto, mesmo estes afirmando que enfrentavam dificuldades em muitos momentos, foram categóricos em relativizá-las, comparando à situação que vivenciavam em suas localidades de origem. Ao mesmo tempo, eles também apontaram motivos relacionados à presença de família, tratamento de saúde, nessa ordem. Ao migrarem, dois dos entrevistados o fizeram acompanhados por suas famílias. O único que veio sozinho respondeu que tinha intenção de voltar a Russas-CE para buscar os familiares que lá permaneceram. Esses elementos, família, emprego, exercem fortes efeitos sobre a ação individual e estratégica, influenciando a maneira pela qual a racionalidade é limitada.

No Setor de Atendimento ao Migrante, pôde-se falar com o entrevistado 2, um imigrante de 44 anos, natural de Pedrinópolis-MG e residente na cidade há nove meses. Este afirmava estar no setor para conseguir um encaminhamento de emprego e que era um injustiçado na vida, visto que não entendia o porquê demorava tanto para ser encaminhado. Ele dizia que a cidade era cheia de empregos, e que não queria voltar à sua cidade natal, pois lá não havia condições de conseguir um emprego, e que sua família não podia lhe ajudar.

A relação desse imigrante com o lugar onde acabara de chegar ainda se fazia pelo estranhamento, que se resumia em um acúmulo de sofrimentos e esperanças. Segundo Casey (2001), não há homem sem lugar e nem lugar sem homem, o que revela a compreensão da espacialidade, assim, há a indissociabilidade ser-lugar, homem-espaco. O processo de desterritorialização original, iniciado pelo movimento migratório, se dá, em termos existenciais, pela saída do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela sua formação, enquanto pessoa e sob os quais está edificada sua identidade. Assim, entende-se que a rede social, para ele, teria função de identificar as dinâmicas que ocorrem e possibilitam as comunicações que podem levá-lo a uma inserção; é o que Marques (2003) chama de influência de fenômenos políticos e sociais. No caso desse imigrante, uma rede social expressa pelo poder público garantir-lhe-ia informações que poderiam levá-lo a ter maior ligação com e na cidade de Uberlândia.

Houve ainda a oportunidade de falar com outro imigrante, entrevistado 3, natural da cidade de Prata-MG. Este declarava estar na cidade há 15 dias e que sua esposa ficara na cidade natal. Segundo ele, foi para Uberlândia em busca de emprego, todavia, não chegou a frequentar qualquer lugar na cidade por não ter condições financeiras.

Contudo, no decorrer da conversa, esse imigrante foi claro ao dizer que desistiu de Uberlândia e que estava ali naquele local esperando receber uma passagem de volta para sua cidade, pois preferia passar dificuldades com os seus. Diante de um contexto como este:

A ilusão da qual se alimenta a nostalgia que tem, por contrário, a decepção – e, sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que freqüentemente participa a decepção engendrada pelo retorno (ou uma certa forma de retorno), reação inversa, mas totalmente complementar à consciência nostálgica (SAYAD, 2000, p. 14).

Nesse processo de construção dos seus lugares, o imigrante acaba por recompor seu espaço social, o qual naturalmente é diferente, em muitos aspectos, daquele que ele possuía, mas que é capaz de devolver, ao mesmo tempo, sua segurança existencial e de enraizá-lo. Dessa forma, uma

rede social intermediada pelo poder público permitiria observar os vínculos identificados e relacionados ao dia a dia.

O entrevistado 4, um pernambucano de 27 anos, sobre o Setor de Atendimento ao Migrante da cidade, afirmara achar ser um espaço importante e que havia pessoas que acabavam por se aproveitar dele. Segundo ele, havia pessoas que não gostavam porque existiam “muitos nordestinos”. Já a entrevistada 5, uma imigrante piauiense de 26 anos disse:

As pessoas pensam que nordestino é preguiçoso, que só gosta de festa, mas não é verdade, eu vim para cá porque fiquei sabendo que aqui poderia encontrar muitos empregos, que até agora não vi, e eu só vim com a passagem e mais uns trocados. Tem muito nordestino nessa cidade, porque nós somos de um lugar pobre (Nordeste) e eu acho que as cidades que têm mais emprego têm que aceitar nosso trabalho.

Muitos imigrantes, em especial, os nordestinos, expressaram sentimento de tristeza em relação à imagem que muitos outros sujeitos têm acerca de suas origens. Eles têm a ideia de que, talvez, se fossem de outros estados, seriam mais bem tratados. Mas o que os exclui, definitivamente, são as suas condições sociais, bem mais do que os seus locais de origem.

A reconstituição do espaço social do imigrante remete à presença das redes sociais, cujos lugares constituintes possibilitam, ao indivíduo, ter a sensação de identificação e pertencimento. Essas redes podem ser consideradas como um alívio ao impacto das mudanças espaciais vividas pelos migrantes. Nesse sentido, as redes sociais podem ser reconhecidas como uma expressão marcante da importância dos lugares para o indivíduo e fundamentais para a relação ser-lugar.

Trata-se de uma situação que acontece com qualquer imagem ou representação. Elas existem, mas são negociáveis. Por exemplo, a questão sobre o trabalho; quando se considera a fala dos próprios nordestinos, ora eles se aceitam, ora não. Ora gostam de ser reconhecidos como nordestinos, ora não. Quanto ao aspecto da intermediação do poder público, eles e os demais migrantes creem que o Setor de Atendimento ao Migrante poderia colocá-los em contato com pessoas que vieram de suas localidades ou ao menos de suas regiões, para que pudessem se inserir melhor na cidade, por meio de laços de amizades.

As redes sociais surgem no sentido de recuperar o bem-estar e o sentimento de pertencimento do migrante. É uma resposta às dificuldades de inserção/adaptação encontradas no local de destino. Dessa forma, essas redes representam um referencial identitário para o migrante e um meio fundamental para orientar seu envolvimento no local de destino, fato este que eles, de certa forma, perderam concretamente ao migrarem. O migrante sofre com o rompimento de laços familiares, expressando a miséria e a impossibilidade da sobrevivência econômica no novo lugar.

Se o contexto relacional, intermediado pelo Setor de Atendimento ao Migrante, realmente disponibilizasse uma rede que possibilitasse encontros entre grupos semelhantes, não no que se refere apenas aos traços culturais, mas que possibilitem condições de inserção na cidade, com certeza essa rede possibilitaria mais inserção aos migrantes que por ela passam diariamente.

Nesse sentido, não foi fácil encontrar esse tipo de interação proporcionada pelo poder público em Uberlândia. É comum se pensar que o Setor de Atendimento ao Migrante seja a face visível do poder público, que age no sentido de assistir socialmente os imigrantes em vez de estabelecer contatos com grupos específicos de imigrantes que não têm, em outros contextos, outro nível de interação na cidade. Nessa direção, entende-se que mais do que averiguar as condições sociais dos imigrantes que chegam à cidade e se esses necessitam da intervenção direta de suas ações, o poder público municipal deveria buscar maneiras de integrá-los.

Como os padrões de vínculo e as posições nas redes tornam mais ou menos prováveis alianças e coalizões estratégicas, e dão acesso diferenciado a informações e recursos, as estruturas das redes de políticas influenciam de maneira importante as dinâmicas do poder no interior do Estado (MARQUES, 2003). A sua incorporação nas análises ajuda a superar a interpretação da ação

e das estratégias políticas como efêmeras, assim como a ênfase excessiva no processo de decisão. A mediação de redes abriria novos horizontes para o estudo de ações públicas que poderiam indicar a existência de constrangimentos e de permanência nos contextos que os cercam.

Para o imigrante, a ação social é importante porque os atende em serviços e orientações gerais e eventuais assistências sociais, mesmo com reduzida intensidade, contudo, os contatos entre os próprios migrantes promoveriam trocas de favores e formação de laços de compromissos. A existência de redes sociais na imigração no local de destino significa sua necessidade, a demanda por elas e sua importância na resposta às tensões e aos conflitos, os quais precisariam ser superados de forma compartilhada, pois, assim, seriam mais eficientes do que a adoção de soluções individuais (GURAK, CACES apud FAZITO, 2002).

Não se pode negar que ações públicas continuam atraindo, assistindo e mantendo alguns migrantes com moradia; outras, com treinamento profissional e ofertas de oportunidades de emprego. É evidente que esses intercâmbios materiais, pessoais e simbólicos criam novas sociabilidades que podem ser contabilizadas como capital social, uma vez que amenizam os conflitos decorrentes das adversidades encontradas, diminuindo os riscos possíveis e, portanto, viabilizando e solidificando o processo migratório contraditório e desigual, beneficiando mais ao grupo dirigente e menos a quem trabalha, visto que este é desapropriado do produto realizado. Contudo, o poder público, em Uberlândia, deveria proporcionar as inter-relações dos imigrantes, os protegendo relativamente das tensões e dos conflitos e amenizando as dificuldades cotidianas. A ação do poder público se assim fosse pensada poderia, por exemplo, alterar a imagem de como moradores locais veem os imigrantes mais necessitados. A mobilidade espacial de pessoas deveria ser vista como um elemento que promove mudanças na sociedade e nas relações sociais.

Os sujeitos imigram em busca de inserção no mercado de trabalho a partir de informações que lhes foram repassadas por amigos, familiares e notícias, mesmo diante de antecessores que no contexto das migrações não tenham sido bem-sucedidos, uma vez que tinham baixa renda e a qualificação profissional exigida pelo mercado de trabalho não era a adequada, os antecedentes e os atuais imigrantes não deixaram de realizar a “viagem”, ou seja, não deixaram de realizar seus intentos com a imigração.

Se as redes de fato fossem incentivadas por meio das ações do poder público, elas serviriam para “mediar e integrar” sujeitos imigrantes de mesma origem, por exemplo, conectando-os aos nós da rede que os conectariam aos pontos mais próximos mediados por intensos fluxos. O poder público municipal, considerando essas situações, poderia promover intercâmbios, atitudes de cooperação, facilitando o aprendizado sobre os códigos de convivência e de sobrevivência nesse espaço social, porém, ele continua, apenas diante de um número considerável de migrantes, promovendo ações sociais associadas às transformações estruturais.

4 UBERLÂNDIA: AS REALIDADES DOS IMIGRANTES

[...] Tive muitas dificuldades para poder me adaptar em Uberlândia; chega a ser desumano o tratamento que recebi por parte de muitas pessoas nessa cidade, eu tive de correr muito para hoje depois de estar aqui há quatro anos, dizer-lhe que não sei se valeu a pena. Moça, eu trabalho demais. Eu sei que todos trabalham. Quando eu saí de Cianorte, eu, em virtude de uma série de coisas, eu não quis pedir a ajuda de ninguém, eu queria partir sem ter que fazer isso! Muitas pessoas lá na minha cidade diziam que eu era louco em mudar de cidade. Eu deixei que falassem mesmo, queria tentar aos 18 anos dar uma virada em minha vida. Eu não tinha mais meus pais e meus parentes não me ajudavam com nada. Mas eu vim para Uberlândia por conta de uns tios que moravam aqui. Liguei para eles e vim. Se me ajudaram no início, digamos que sim, mas você sabe como é, a gente tem que tomar vergonha e não ficar só dependendo da ajuda dos outros. Eu acho engraçado o fato de que esses meus parentes aqui me ajudaram mais do que aqueles que moravam lá em

Cianorte. Depois de uns meses aqui, eu, que tinha pouco estudo, fui trabalhar como pedreiro, depois, fui trabalhar de garçom. Fui servente também! Hoje eu estou aqui trabalhando como camelô, confesso que ajudado sim por pessoas que acreditaram em mim, no meu potencial, quem sabe. Eu não podia ficar no meio do caminho, nos momentos de angústias. Eu ergui minha cabeça e disse para mim mesmo: eu tenho que buscar ser diferente de tudo o que eu não gostava na minha cidade. E é claro que apesar de eu ter começado essa minha fala dizendo que recebi um tratamento duro no início por parte de muitas pessoas, também tenho que lhe dizer que muitas pessoas me ajudaram e foram todas pessoas que eu já tinha certo conhecimento lá de Cianorte e que já tinham vindo para Uberlândia (ENTREVISTADO 6, 2011).

O depoimento do entrevistado 6, migrante natural de Cianorte-PR, permitiu começar a desvendar o universo de imigrantes camelôs na cidade de Uberlândia e qual o papel que as redes sociais tiveram em suas inserções nos espaços da cidade.

Na história do Brasil e nos últimos anos, o direito do trabalho vem passando por um processo de desregulamentação que, grosso modo, significa diminuição gradativa da presença do Estado no terreno das relações entre capital e trabalho. As dificuldades em se definir o que é o setor informal aparecem já nas estatísticas do IBGE, nas quais a categoria “trabalhadores por conta própria” inclui desde os chamados “camelôs” até os profissionais liberais.

A economia informal representa um aspecto central da dinâmica econômica e social dos países “menos desenvolvidos”, a despeito da notória falta de estatísticas oficiais. Esta ainda pode ser caracterizada por sua pequena escala, falta de regulação estatal, flexibilização, uso de trabalho familiar, entre outras. Dentro da economia informal urbana, o comércio é apontado como uma das principais atividades desenvolvidas pelos seus participantes, especialmente, o ambulante, realizado na rua.

Durante a pesquisa, observou-se que parte da inserção desses imigrantes se deu a partir do momento em que eles, de uma forma ou de outra, buscaram na informalidade uma maneira de serem “reconhecidos”. Assim, as histórias foram se constituindo mediante as aproximações feitas nas ruas de Uberlândia ou nos lugares em que a presença dos camelôs era certa.

As entrevistas possibilitaram entender a importância das redes sociais como elemento de adaptação dos migrantes aos espaços dos bairros e também na constituição das relações de vizinhança. Os laços mais fortes foram observados nas redes em que a predominância das relações de amizade foram citadas. Essas são as responsáveis para fazer com que informações sobre empregos, festas, reuniões circulem com mais veemência, condição esta materializada pela diversidade entre os contatos da rede. Também as informações oriundas das entrevistas com os migrantes camelôs possibilitam compreender que os laços entre os parentes imediatos, aqueles que de fato promovem apoio social, em razão das trocas afetivas e confiança entre os envolvidos.

É o caso do entrevistado 6, em que a participação da família pode ser considerada ativa e abrangente, visto que ela apresentou várias funções sociais, como intermediação, suporte social, provimento de moradia temporária e até mesmos os primeiros contatos à alocação profissional.

Segundo Hareven (1995), os arranjos familiares desempenham, de fato, a função efetiva de suporte social de seus membros, por meio das redes que possibilitam ser constituídas ao longo de um processo, mesmo que essas tenham características que mudam ao passar do tempo. Tilly (1990) e Sayad (1998) colocam que a reciprocidade das ações é mediada por regras que se constituem de acordo com a natureza social de cada família. Natural da cidade do Prata-MG, esse camelô estava vivendo em Uberlândia há dois anos. Com respeito ao seu processo migratório, afirmara que mudar para Uberlândia era algo que vinha pensando há algum tempo, contudo, faltava aquele elemento importante, “a coragem”. Segundo ele, “não é que Uberlândia fosse uma cidade tão grande assim, não era o caso, mas era medo de não arrumar emprego e passar mais dificuldades do que eu já

passava em Prata”. Ainda afirmou que “pegou o telefone de um primo que já estava na cidade há uns seis meses e ligou e este foi muito importante no processo inicial de adaptação à cidade”.

O entrevistado 7, natural de Rio Verde-GO, sobre sua adaptação a uma nova realidade, disse que não estava sendo fácil. Segundo ele:

As pessoas, quando saem de Rio Verde e vêm para Uberlândia, quando voltam lá para passear e ver os parentes, enchem as bocas para dizer como estão. Elas nunca falam como de fato é. Eles estão bem vestidos, trazem malas cheias de coisas, dinheiro nos bolsos, a gente vê gastar e só falam do seu trabalho. Agora, a gente só conhece quando vive, né? As pessoas mentem quando voltam a Rio Verde e ficam falando que fazem isso e aquilo. Muitas delas, eu conheço hoje na cidade, e vivem muito mal (ENTREVISTADO 7, 2011).

O entrevistado 7 (2011) ainda relatou:

Olha, vivo mais ou menos, eu não queria ter que vender para ganhar. Me entende? Eu queria ter um emprego que me garantisse um ganho no fim do mês, certinho. Eu tenho uma namorada lá em Rio Verde, mas como posso pensar em casar e coisa do tipo? Não tenho vergonha do que faço não, mas tem dias que é fogo, viu? Tem dias que está chovendo. E como faço? Tem dias que os fiscais passam. E aí? Tem muita gente vendendo muita coisa. Tem dia que estou aqui na praça. Tem dias que estou nos bairros. Fora que tenho que pagar ao fornecedor. Eu, agora, estou esperando para ver se vou conseguir outro emprego, e a senhora acredita que é de camelô, ainda? Mas lá dentro do Camelódromo Central, lá é mais certo, porque as pessoas vão até lá comprar as coisas. Ser migrante para mim é uma vida difícil, eu não queria ter saído da Prata, mas por outro lado tinha de tentar. Morei uns tempos com aquele meu primo, três meses, agora moro no Bairro São Jorge, e você sabe como ele é longe daqui do centro. Eu acho que as pessoas, nossos parentes, querem ajudar, como meu primo, quando chega alguém de fora, mas geralmente elas também não podem muita coisa. O melhor para mim é poder confiar no parente, porque quando chegamos, eles são a nossa referência.

A respeito do como era viver no bairro São Jorge, o entrevistado 7 apontava que “lá morava com outra pessoa que também tinha origem em Rio Verde e, por estar entre conhecidos, era mais fácil se integrar”. Segundo ele, “se dava bem com a vizinhança, contudo, por ser solteiro, achava que muitas pessoas ficavam mais distantes”. Este migrante, com riqueza de detalhes, apresentou situações que parecem fazer parte do mundo de quem migra e, ao chegar ao “mundo novo”, se vê diante de realidades que até então eram desconhecidas e que só se revelam quando o projeto migratório é colocado em prática. Nesse caso, ao contar sua experiência de imigrante, ele revela a contradição descoberta entre a realidade de sua condição e a imagem encantada de Uberlândia, que tinha antes (porque essa era que seu laço – o primo – propunha). O entrevistado demonstrava as condições sociais que produzem essa contradição.

Observaram-se interações desses camelôs e isso possibilitou entender suas redes, relações e estruturas sociais. A entrevistada 8, uma mineira natural de Centralina-MG, mora há três anos no Bairro Planalto. Seu relato trouxe considerações importantes a respeito da vida que leva um migrante e de como esse se insere no contexto social do território que “escolhe para viver”. Ela dizia que “ser migrante significava sentir saudades de sua terra natal e que foi para Uberlândia há quase quatro anos atrás, motivada por sua situação, em Centralina, que estava muito complicada”. Ainda relatou que: “foi deixada pelo meu marido com três crianças pequenas, e que tal fato foi significativo para pensar na mudança”.

Acho que eu começo por ela porque foi ela que me fez estar aqui em Uberlândia. Quando me vi naquela situação, minha única alternativa foi a de tentar alguma coisa. No início, confesso que foi muito difícil pensar em fazer alguma coisa. A gente se prende a um lugar e nele pensa que vai morrer. Lá em Centralina eu tenho os meus pais e meus sogros, mas tudo gente que luta muito e que, apesar de lamentar sobre minha situação, pouco podiam ajudar. Eu precisava tanto de ajuda financeira como para a vida. Não sei se é assim que se fala. Quem vai nos ouvir falar? Por isso estou gostando de falar com você, que é uma “estranha”, mas está me ouvindo falar. Eu tenho, deixa-me ver, uns seis parentes em Uberlândia. Eu confesso que eu queria fugir de Centralina, tamanha a minha vergonha. Esses meus parentes, aqui, moram no bairro Luizote de Freitas e, quando cheguei, fui ficar com eles uns tempos. Nossa! Eu vim sozinha. Deixei as crianças com minha mãe. Eu não podia vir com elas, mas me arrependo dessa decisão (*lágrimas*), porque as crianças já tinham perdido o pai; e a mãe as deixa também? Mas hoje elas estão comigo, viu!? Trouxe as três. Voltando a ser migrante, não é muito bom, porque é difícil se manter numa cidade conhecendo tudo o que ela tem, porque nela você nasceu. Imagina viver em uma cidade que não se conhece nada! Meus parentes são camelôs aqui. Aquele ali é meu tio, e agradeço a Deus porque ele é o dono dessa banca e me deu esse emprego. Trabalho com ele desde que cheguei aqui. Hoje moro no Bairro Planalto, com meu companheiro (*eu arrumei outro, risos*). Sabe como é, né Karla, a depressão também não me pegou por muito tempo. Ele me ajuda demais e, por conta dele, consegui trazer as crianças. Eu conheço muita gente migrante que vem de outras cidades pensando que aqui em Uberlândia é o paraíso, mas não é, não é mesmo (ENTREVISTADA 8, 2011).

Sobre sua vida no Bairro Planalto, ela disse que as relações de vizinhança eram boas e que queria até ter mais, porém, por sair cedo e voltar tarde, isso não era possível. A rotina gira em torno de: deixar as crianças na creche do bairro por volta das 7 horas da manhã; tomar o ônibus em seguida; almoçar no local de trabalho; aos fins de semana, fazer as coisas de casa. Por fim, ainda relatou que gostava de ficar no bairro, pois trabalhava no centro da cidade: “o bairro é muito bom, tem escolas, lotérica, mercados, lojas de roupas, móveis” (ENTREVISTADA 8, 2011).

Por fim, sobre se sua relação com os espaços no bairro e se as relações com os vizinhos, de alguma forma, lhe davam suporte para a inserção na cidade, a entrevistada (2011) disse:

Sim, com certeza que sim. Acho que o que ajuda a adaptar-me à cidade é o fato de eu ter parentes, bons vizinhos e emprego. Mas mais do que emprego, eu me senti acolhida pela cidade (as pessoas da cidade). Mas eu sinto muita falta de Centralina também, porque meus pais estão lá, mas não penso em voltar de jeito nenhum. Eu acho que nem todas as pessoas encontram suporte quando chegam às cidades, vindas de outras cidades. Eu tive, eu tenho. Eu tinha medo de vir, eu confesso. Não queria pedir ajuda, e você sabe, passa pela nossa cabeça a idéia de ter que pedir ajuda de prefeitura, de estranhos. Eu, graças a Deus, pude contar com a ajuda dos meus parentes. Devo muito a eles, devo mesmo.

Sayad (1998) ajuda a compreender como os migrantes se sentem no processo migratório, uma vez que, segundo ele, a migração engendra uma situação que se apresenta em dupla contradição: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório, que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45).

Os imigrantes pareciam oscilar de acordo com as circunstâncias entre o que é provisório, que a definem de direito, e uma situação duradoura, que de fato a caracteriza. Essas são as situações ambíguas, que os migrantes, na maior parte das vezes, acabam submetidos. Daí a importância de sua inserção em redes sociais, uma vez que elas deslocam o foco da análise dos atributos

individuais dos sujeitos imigrantes para as relações que eles passam a estabelecer com outros migrantes em determinado contexto social, que podem ser: os locais de trabalho, os espaços dos bairros onde vivem e as relações que mantêm com vizinhos e parentes.

Compreender as relações dos sujeitos imigrantes com os espaços de moradia permite pensar nas dimensões macro e micro, ou seja, compreender a relação (migração e redes) que se faz presente na realidade cotidiana do imigrante.

A busca até aqui é compreender, por meio da análise das redes sociais, as várias dimensões das relações sociais no processo de migração. Segundo Truzzi (2008, p. 208):

A perspectiva de analisar os processos migratórios por meio das redes não deixa de considerar os imigrantes como agentes econômicos (e, portanto, como tomadores de decisões que potencialmente maximizarão sua situação econômica), mas também recupera as variáveis sociais e culturais que devem ser consideradas em conjunto com as de caráter econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos, os métodos e os procedimentos usados na elucidação de problemáticas postas por vários pesquisadores passam por mudanças que levam tempo para serem incorporadas nas pesquisas, nos trabalhos. Pode-se dizer até que estão sempre mudando, assim como a vida, de alguma forma, está.

Diante dos fatos, é-se obrigado a conceber imagens e viver sentimentos quando, nas mentes, aparecem pessoas deixando um local e indo viver em outro, o que é uma situação bem próxima de cada um, basta que se olhe a origem das famílias, por exemplo. Muitas delas têm origem na migração de pais, avós e bisavós que, ao se deslocarem, levaram consigo crenças e tradições dos locais de origem.

Os deslocamentos ainda proporcionam viver com as lembranças de vizinhos e amigos antigos, que não moram mais em sua cidade, e nem mesmo sabe-se para onde foram. A migração não é importante apenas para as pessoas que trocam de local de domicílio; ela também é decisiva para o desenvolvimento de regiões e países, ao crescimento populacional de cidades, à troca de experiências e tecnologia entre povos etc. Diante disso, é indiscutível o fato de que as pessoas mudam quando migram, assim como as regiões.

Quando se pensa nos enfoques atribuídos ao fenômeno das migrações, ao longo do tempo, chega-se à conclusão de que o destaque é para a predominância da dinâmica macroestrutural, e é dela que decorrem teorias como a dos fatores de atração e de repulsão, que seriam os responsáveis por um melhor “bem-estar” do migrante e de seu grupo. Mas entender apenas essa situação é imaginar que o migrante, nesse processo, não tem seu papel aludido. É pensar em um sujeito que é, no espaço, um ser entregue a algumas estruturas condicionantes.

A intensa movimentação populacional ocasionada por tais fatores atesta a busca por condições mais adequadas de vida, empreendida por parcela considerável da população brasileira, e a pesquisa corrobora com essa ideia.

As migrações sempre assumiram contornos importantes, motivadas pela falta de oportunidades de trabalho, expectativas de melhores condições de vida, atração efetiva exercida por áreas em processo de expansão econômica, dentre outros. A migração deve também ser analisada a partir de outros condicionantes da vida do migrante em sociedade, como crenças, valores, cultura etc.

Assim, as redes sociais são instrumento analítico que colaboram com a compreensão dos processos de produção e de reprodução social, que se estende desde uma perspectiva mais imediata, que trata da comunicação social, e engendra dimensões mais complexas, que carregam em si elementos culturais, sociais e políticos que superam a perspectiva econômica da migração como deslocamento da força de trabalho.

O ambiente social pode ser pensado como o conjunto de redes de interações no qual nada se manifesta de maneira independente, assim, por esse motivo, não se pode pensar em redes sociais que determinem a migração, mas sim em redes que as articulam e que se organizam de acordo com o desejo de migrar compartilhado por sujeitos, associado a fatores de ordem social, econômica, política, simbólica, afetiva etc.

Uma das vantagens, *a priori*, do uso das redes, por pesquisadores, é que possibilita identificar relações entre os sujeitos imigrantes no interior em uma dada realidade. As redes sociais podem apoiar a construção de perfis biográficos e exploram a teia de relações tecidas por um único indivíduo ao longo de sua trajetória de vida. Contudo, é importante que também se coloquem os fatores limitantes da abordagem substanciada nessas redes. Segundo Truzzi (2008), a presença de determinadas redes identifica, escolhe e dirige novos destinos, quando os anteriores se mostram saturados. O autor ainda afirma que várias são as dimensões informais dos processos que produzem a migração, que relegam ao segundo plano o papel das agências e das instituições formais promotoras dos deslocamentos.

A pesquisa fundamentou-se na análise da relação do poder público com as redes sociais. O poder público faz muito mais um papel de sistema controlador e disciplinador de imigrantes, nos termos das pressões sociais e da organização da cultura, do que o papel de integrar sujeitos imigrantes à vida na cidade. Assim, trata-se apenas de um modo de intervenção que, diante de uma demanda, propõe solução apenas para alguns dos problemas enfrentados pelos imigrantes, o que não satisfaz as relações que envolvem a migração. O acolhimento dado ao imigrante, pelo poder público, resume-se apenas “a uma ajuda social”.

As estratégias migratórias e, sobretudo, as relações sociais, devem gerar ações que sejam vistas pelos migrantes como algo benéfico, que proporcione condições que melhorem a adaptação dos vários grupos de migrantes. As redes sociais podem oportunizar aos imigrantes informações que lhes permitam amenizar as dificuldades de suas trajetórias, instalações e adaptações. As redes sociais entre migrantes são alternativas de superação de dificuldades, com contradições e com conflitos, mas que denotam uma prática coletiva.

NOTAS

¹ Todas as entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e agosto de 2012.

REFERÊNCIAS

CALFAT, M. Metade dos moradores de Uberlândia é de migrantes. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 2 mai. 2012. Caderno Cidade & Região, p. 10.

CASEY, E. S. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the placeworld? **Annals of the Association of American Geographers**, v. 91, n. 4, 2001. p. 683-693.

FAZITO, D. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002: Ouro Preto, MG. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002.

HAREVEN, T. Historia de la familia y la complejidad del cambio social. **Boletín de la Asociación de Demografía Histórica**, 1995, v. 12, n. 1, p. 99-149.

IBGE, 2012. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2012**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2012/>>. Acesso em:

MARQUES, E. C. Redes sociais e instituições na construção do Estado e da sua permeabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41. São Paulo, Outubro de 1999.

_____. **Redes sociais, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo**. São Paulo, Annablume, 2003.

MASSEY, D. et al. **Worlds in motion, understanding international migration at the end of the millennium**. Oxford: Clarendon, 1998. 362 p.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Muracho. São Paulo: EDUSP, 1998. 286 p.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Travessia**, v. 13, n. esp., p. 7-32, jan. 2000.

SILVESTRE RODRÍGUEZ, J. Aproximaciones teóricas a los movimientos migratorios contemporáneos: un estado de la cuestión. **Historia Agraria**, 2000, n. 21, p. 157-192.

TILLY, C. Transplanted networks. In: Virginia Mclaughlin (ed.) **Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics**, Oxford University Press, New York. 1990.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social Revista de Sociologia**, v. 20, n. 1, 199-218, 2008.

Data de submissão: 29.12.2013

Data de aceite: 10.08.2016

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.